



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

OBRIGADO, SEU GABINO

Marcos Roberto Inhauser

Ele apareceu em Indaiatuba quando eu tinha dez anos de idade. Comprou uma gráfica e o único jornal da cidade. Frequentava a mesma Igreja que meus pais e eu, e entre as duas famílias se criou um laço de amizade. Num domingo, perguntei a ele se eu podia ir trabalhar na tipografia (este nome caiu em desuso com as novas tecnologias, mas fazia jus, pois era a arte de juntar tipos de chumbo para formar letras). Ele me respondeu afirmativamente e me disse que estivesse lá às oito da manhã. Cheguei antes da hora, tal a excitação.

Ele me apresentou os demais trabalhadores (os quatro filhos que nela trabalhavam eu já os conhecia, um deles da minha idade, que não era mais de onze anos). E começou a me explicar como funcionava a tipografia, o que era uma caixa de tipo, um componedor, as linhas, as caixas alta e baixa, o que era empastelação, os tamanhos das letras, etc.

Como primeiro serviço, ele me deu uma caixa de tipos que estavam empastelados e pediu que eu começasse a separar por tamanho. Um serviço chato, mas que fui fazendo com um estranho prazer de saber que estava aprendendo algo. Mais tarde ele me deu um componedor e me ensinou a montar as primeiras linhas, depois me deu a primeira notícia do jornal para compor, mais tarde me pediu para ajudar na revisão dos textos. E assim fui aprendendo as artes do ofício. Depois de algum tempo, não sem muitas broncas dele (como todo adolescente normal aprontava das minhas) já fazia quase de tudo na tipografia e na preparação do semanário.

Ele me abriu a oportunidade para aprender dele o que sabia. Deu do seu saber para mim, foi um pai que me ajudou a ver e entender coisas da vida que não teria aprendido de outra forma. Lembro-me das difíceis horas que passamos quando o prefeito de Indaiatuba era alvo de um processo de impeachment (o primeiro do Brasil). O jornal fazia oposição e não podíamos sair da redação, que ficava ao lado da Câmara Municipal, pois a rua estava interditada. Em cima do muro, buscávamos ouvir as sessões para, no outro dia, publicar no jornal.

Ele me abriu sua casa. Posso dizer que vivi nela e com sua família. Foi com seu Gabino que aprendi a ler e escrever, mais do que na escola.

Um dia fomos surpreendidos pela notícia de sua morte. Chorei como se tivesse perdido o pai. Até hoje não sei chamá-lo de outro jeito a não ser “seu” Gabino, pelo respeito que lhe tenho.

Curioso é que não me lembro se ele algum dia me pagou um salário. Certamente me recompensou de alguma forma. Mas, passados quase quarenta anos, se quero ser honesto, eu é quem devia ter pago a ele pela oportunidade que me deu de aprender dele e com ele.

Seu Gabino não poderia fazer o que fez se vivesse nos dias atuais. Pegar uma criança para ir trabalhar com ele, colocar horário de trabalho e não registrar. Exigir tarefas feitas na hora e bem feitas e não pagar o INSS. Certamente, se isto acontecesse hoje, haveria fiscal do Ministério do Trabalho, Conselho Tutelar, Promotoria da Infância a azucrinar a vida do “seu” Gabino. Esfregariam na cara dele o Estatuto da Criança e do Adolescente e diriam que promovia trabalho escravo. Teria sido o primeiro caso de um negro escravizando um branco no Brasil. Hoje preferem a criança na rua ou assistindo violência na TV ao invés de permitir que aprenda um ofício com gente séria e competente.